

EUROCENTRISMO E ALGUNS PENSAMENTOS FEMINISTAS INICIAIS

Jamile Guerra Fonseca

Licenciada em Sociologia. Professora Adjunta, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=F1843D9B1B322F38B7FB2EC306051524#

Resumo

Refletir sobre algumas bases teóricas feministas e o conceito de eurocentrismo para compreender a existência, é debruçar-se também e especialmente, sobre estudos de gênero e suas reverberações. Neste contexto, buscamos um resgate de algumas epistemologias e de como o eurocentrismo atua de modo enfático na compreensão sobre a existência humana, sobretudo de mulheres. A busca nesse sentido, vai ao encontro de modos da compreensão sobre causas que são foco de feminismos, sendo esses aspectos em comum entre todas as mulheres e causas mais específicas e individuais, à exemplo de mulheres negras, que vivenciam disparidades de gênero, racismo e discriminações de classe social, percebidas constantemente embutidas no seu modo de viver, existir e resistir. Ao compreender, por exemplo, a racialização do conhecimento na perspectiva do eurocentrismo, entende-se a importância de se atentar às outras realidades, tais quais são e seus respectivos valores, sem permitir o toque de influência lançada a partir de visões deturpadas, de um suposto conhecimento, oriundos de um desejo maior, à saber, a monopolização do saber e do todo social. Pesquisas sobre gênero, visam a compreensão de processos de subordinação e opressão, no entanto, ainda sofre influências eurocêntricas e também por visões de mundo a partir da ótica americana. Todo esse contexto, estabelece e perpetua diversos modos de opressão, relacionados a gênero, raça-cor e classe, e que devem ser questionados e reavaliados pois atuam diante de fatores como identidade social, interesses gerais e relações de poder.

Palavras-chave: eurocentrismo, feminismos, interseccionalidade

Introdução

Refletir sobre algumas bases teóricas feministas e sobre eurocentrismo para compreender a existência é debruçar-se sobre em camadas de conhecimento que nos permitem analisar, por exemplo, a perspectiva de gênero dentro de correntes feministas, enocentrismo e razões que perpetuam relações de poder hierárquicas e desiguais.

São diversas as influências nos modos de conhecimento, desde um passado remoto e se mantendo até os dias atuais, buscando aproximar-se da realidade social vigente e reformular conceitos; muitos dos quais já não duram muito como antigamente. É que tem se denominado como liquidez social.

Neste contexto, analisa-se o modo como o eurocentrismo atua de modo enfático na compreensão sobre a existência humana e acaba por influenciar por exemplo, correntes e epistemologias feministas, que à princípio surgiram como ressignificação de causas e motivos de luta social.

Reitera-se que as reflexões presentes nesse ensaio teórico, acontecem de modo cauteloso, respeitando os entendimentos diversos sobre permissões sobre conceitos e discussões tão atuais na sociedade brasileira. Ao afirmar alguns pensamentos feministas iniciais e o eurocentrismo, remete-se à ênfase sobre as lutas das mulheres contra a não subordinação de seus corpos e comportamentos bem como ao poder do homem, e tantas outras estruturas sociais.

A busca nesse sentido, vai ao encontro de modos da compreensão sobre causas em comum entre todas as mulheres e também pelas causas mais específicas e individuais, à exemplo de mulheres negras, que vivenciam disparidades de gênero, racismos e discriminações de classe social, percebidas constantemente estando embutidas em seu modo de viver, existir e resistir, cotidiano.

Ensaio teórico: relações de poder, eurocentrismos, desigualdades, feminismos

Oyewùmí (2004) nos resgata que a expansão da Europa e a hegemonia cultural euro-americana influencia na produção de conhecimento e por consequência na escrita da história humana, uma vez

que abarcam razões sociais, comportamentos humanos, preconceitos, estigmas, neuroses, dentre outros objetos comuns em toda a sociedade.

Pode-se, portanto, atribuir a este eurocentrismo, um momento de racialização do modo de conhecer, pois neste caso a Europa ocupa, o papel central no campo das representações sociais do conhecimento, e assim nativos desse local são considerados e fantasiados como detentores supremos e absolutos do poder.

Samir Amin (1994) conceitua o eurocentrismo como a crença geral de que o modo como se desenvolveu a Europa e suas vertentes é um fato que deve ser seguido por todas as outras sociedades e nações, constituindo-se, portanto em uma ideologia ou paradigma baseado no modelo de superioridade sobre os demais povos.

Ao compreender a racialização do conhecimento pesquisando sobre o eurocentrismo, entende-se a importância de se atentar às outras realidades sem nos deixar influenciar por visões deturpadas do conhecimento oriundos de locais que tem como desejo a monopolização do saber e a influência direta em outros povos.

As pesquisas de gênero, utilizadas amplamente para compreender processos de subordinação e opressão de mulheres em todo o mundo, tem sido fortemente influenciadas pelo Europa a ainda por experiências americanas, ao qual devem ser questionados fatores como identidade social, interesses e preocupações reais das origens de cada um desses conhecimentos, e que se faz relevante sobretudo, entender que gênero é uma construção sociocultural e portanto será constructo a partir da realidade social e cultural de determinado local (OYĚWŪMÍ, 2004).

Logo, percebe-se que as realidades das mulheres europeias diferem das mulheres americanas, que por sua vez diferem das mulheres, que diferem das mulheres brasileiras e assim por diante. O eurocentrismo é um modelo de sucesso, fracassado. O mundo deseja adotar seus padrões como absolutos, no entanto, a realidade de cada local, expõe na pele e na carne vive que mulheres, feminismos, gênero e modos de existência se diferem e a cultura de cada local, bem como razões de outros âmbitos, interferem diretamente nessa conjuntura.

Não se pode impor conceitos, sobretudo sem conhecer as realidades vivenciadas nos mais diversos contextos. Desse modo, entende-se que a Europa e o Eurocentrismo tentam monopolizar, à todo custo, diversos campos da vida “terrena” e ainda, o saber, atuando de modo

a deteriorar ou deturpar o conceito de gênero, de como na verdade tem que ser e precisa ser.

Assim, toda essa confusão etnocêntrica, acaba trazer à tona visões distorcidas sobre pessoas e contextos díspares, criando, estabelecendo e perpetuando o que conhecemos como rótulos, estereótipos e paradigmas.

Esta contextualização proporciona o entendimento sobre conceitos, à exemplo daquele que se refere a gênero, dentro da perspectiva do eurocentrismo, e que se expressa influenciado por questões da massa branca europeia e americana que o formulou e que não atendem, as necessidades de reflexão, discussão e ações de intervenção sobre demandas como, raça, cor e discriminações, diferenças e desigualdades sociais, condição social e rotulações, gênero e estereótipos, ou seja, outras formas de opressão que estão embutidas em gênero, que inclusive foram a pirâmide de análise interseccional.

Entende-se ainda, que nas entrelinhas das perspectivas conceituais eurocêntricas ou americanizadas, estão embutidos interesses, visões de mundo e relações de poder, modos de ser e estar dominantes em busca de dominadas, os.

Outro ponto destacado por Oyewùmí (2004) é de que o feminismo europeu não consegue extrapolar os limites consagrados da família nuclear, sendo esta questão de gênero enraizada e decodificada dentro da família. As filhas e os filhos ainda percebem suas mães como esposas dos seus respectivos pais, donas do lar e responsáveis pela família e também da procriação, ainda considerando como o ato de amamentar um dos papéis, no campo dos deveres, atribuídos a mulher dentro da relação familiar.

A familiar nuclear europeia é distante da família africana e também da família brasileira, que se relaciona em algumas comunidades por aspectos geracionais, entidades de respeitos espirituais dentre outros aspectos que não generificam as relações familiares e além de tudo se tornam mais flexíveis e fluidas.

Na Nigéria, especificamente na sociedade Iorubá, a hierarquia dentro da família ocorre não por questões relacionadas ao gênero, mas pela idade relativa que cada integrante possui dentro do conjunto, não sendo assim generificada, sendo esta divisão, dinâmica e fluida (OYEWÛMÍ,2004).

Nas relações conjugais, a diferenciação ocorre especificando mulheres que entram em determinada família e no círculo social em

geral, com diferenciações baseadas em nomes especiais, atribuídos às devotas de orixás, tornando os relacionamentos entre as pessoas situacionais, contextuais, fluidos (OYEWÛMÍ, 2004).

Entende-se assim que o feminismo europeu é destoante da realidade da África e também do Brasil, e entender esta realidade com base em epistemologias europeias gera distorções.

Há, uma real necessidade de uma análise que requeira sensibilidade no olhar, que deve ser integral a pessoa humana, individual e complexa, e sobre a mulher em um aspecto mais profundo.

Inserida dentro da sua realidade, cada mulher única em si e por si, está dentro de uma conjectura que compõe suas vivências, lições, hábitos, aprendizados, costumes, credences, práticas, rituais e maneiras de viver. Enxergar toda essa narrativa, essas diferenças sem causas nenhum modo de opressão ou discriminação, também é um dos grandes desafios na perspectiva feminista e de feminismos brancos, negros, lgbtqi+, trans e todas as maneiras fluidas de ser.

A América deu continuidade e legitimidade às relações de dominação da Europa, que se estabeleceu depois da mesma, e assim deu-se seguimento à colonização do conhecimento. As metas, portanto, são lutar contra a colonização desse saber e para tanto se utiliza do poder de interpretação de teorias feministas que podem auxiliar neste processo (COSTA, 2013).

À saber, a dominação não veio só no sentido do conhecimento geral, mas também e especialmente, sobre os saberes específicos, sobre corpos, falas, linguagens, folclore, culinária e de todo o resto que não seria o resto, mas o prato principal da mesa. Além disso, foram formuladas teorias das mais diversas, cujo interesse principal, seria mistificar tudo o que não estivesse no padrão da classe dominante.

Ressalta-se ainda que, esse processo tenta retirar por meio de deturpações do que deve ser padronizado e tradicional, a identidade de pessoas. Segundo Marçal, (2015) a identidade é composta de diferenças que cada pessoa traz em si e para si, no entanto essa mesma diferença que faz parte de cada um, também pode causar uma relação de desigualdade.

Entende-se desse modo que, o respeito às diferenças, ou seja, a igualdade, é algo que parece ter desaparecido quando se trata de teorias eurocêntricas. Logicamente que se pensamentos feministas ainda aderem a determinadas concepções, outrora atuais, ora ultrapassadas, perpetuam sistemas de opressão. Em outras palavras, o feminismo

européu, não atende e nunca atendeu a demanda de mulheres negras e demais orientações de gênero de cada mulher.

Assim, tentando diminuir, inferiorizar, constranger, coagir e até mesmo tirar a vida, uma relação hierárquica de poder foi constituída entre povos e povos e que demonizou, por exemplo, religiões de matriz-africana, fez a negra virar a tal da mulata, hipersexualizada por olhos de homens violentadores de corpos e de almas, a doméstica, forte e de senzala e que jamais, em suas mentes doentias, aceitariam que essa mesma mulher seja agora deputada, presidente ou professora.

Precisamos dizer que a visão europeia fincou sua estaca em correntes feministas e hoje, o que se vive para tentar elucidar tem causado tensões inclusive entre mulheres que poderiam se unir para melhor fazer entender toda essa situação. Em outras palavras, acredita-se em pensamento contínuo, que mulheres brasileiras nunca poderiam ser consideradas brancas, e sim frutos de uma mestiçagem e ainda, sendo a maioria mulheres negras.

Brasileiras, latino americanas, negras, africanas estão diante um embate forte. Logicamente que, mulheres pardas sofrem menos ou até não sofrem todas as opressões das mulheres negras. Mas a mensagem é a de que, o eurocentrismo dominou mentes, povos, conhecimentos e paradigmas. E esse é o fato causal que deve ser nosso foco e motivo de luta para as mulheres que não se enquadram na perspectiva europeia.

Ademais, não se afirma que o feminismo europeu seja ruim, tampouco desqualificá-lo. No entanto, não poderá jamais atender a necessidades de outras mulheres que não vivem a mesma realidade de locais desenvolvidos, ricos e bem destoantes do quadro em preto e branco que se vive fora dessa nação.

Teorias feministas e práticas sociais, precisam se adequar as realidades e contextos de cada mulher, não acirrando uma guerra interna, mas sobretudo unificando forças, causas e razões para enxergar as diferenças e lutar por uma igualdade que é, portanto, o conceito de respeito à diferença e às diversidades.

Considerações finais

Estudos de gênero, africanos, têm importantes desafios e valiosas contribuições no campo da ciência e sobretudo do pensamento feminista, uma vez que, ao adentrar em aspectos não abordados na

visão eurocêntrica, conseguem contemplar mulheres afrodescendentes e brasileiras, frutos da mestiçagem que somos parte.

Há de haver, um movimento maior, que busca a libertação das relações e abusos de poder em relações de gênero, raça, cor e classe e ainda, de todos os estereótipos, rotulações e discriminações advindas de teorias caóticas que remetem superioridade a um povo a partir de diferenças, que compõe apenas suas respectivas identidades.

Não se sabe, portanto, um saber que seja superior a nenhum outro, e ainda que deva ser modelo a ser vestido por outras nações. O desafio surge justamente do processo de romper com estruturas antigas e dar maior visibilidade a outras questões que precisam estar associadas ao conceito de interseccionalidade, real e necessário.

Referências

AMIN, Samir. **Eurocentrismo: crítica de uma ideologia**. Lisboa: Dinossauro, 1994.

COSTA, Cláudia de **Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber**., 2013. Disponível e:<http://www.buala.org/pt/a-ler/feminismo-e-traducao-cultural-sobre-a-colonialidadedo-genero-e-a-descolonizacao-do-saber>

MARÇAL, José Antonio; LIMA, Silvia maria Amorim Lima. **Relações étnico-raciais. História e cultura afro-brasileira e indígena no Brasil**. Editora Intersaberes, 2015.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes